

A CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NUMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL

SIMONE APARECIDA RODRIGUES SOARES

*Simone Aparecida Rodrigues Soares
atua como professora na rede municipal de ensino de Osasco.*

RESUMO

Neste artigo, que é parte integrante do conjunto de atividades do curso de especialização em Currículo e Prática Docente, apresentamos o relato de um projeto de intervenção em uma escola da zona norte de Osasco. Nele tratamos de algumas sugestões de práticas de sustentabilidade possíveis em uma escola do ensino fundamental I, baseados nos princípios da ecopedagogia. Relatamos as ações e resultados das mesmas, bem como as dificuldades e os desafios que surgiram decorrentes dos encontros dos círculos de cultura.

PALAVRAS CHAVES

Ecopedagogia. Sustentabilidade. Cidadania planetária.

ECOPEDAGOGIA: POSSIBILIDADES EMANCIPADORAS NA ESCOLA

“Contra o pessimismo da razão, o otimismo da prática.”

Antonio Gramsci

O termo *ecopedagogia* originou-se da evolução da própria ecologia que, inicialmente, era chamada de *pedagogia do desenvolvimento sustentável* e que hoje ultrapassou este sentido. Está se desenvolvendo como movimento pedagógico e de abordagem curricular. Pode ser entendida como um movimento social e político que surgiu no seio da sociedade civil, nas organizações, tanto de educadores quanto de ecologistas e de trabalhadores e empresários, preocupados com o meio ambiente.

Implica em uma reorientação dos currículos para além da pedagogia clássica, ou de conteúdos, pois insiste na necessidade de reconhecermos que todas as formas de vida e seus vínculos (relações) também são parte integrante do currículo. Preocupa-se com a *promoção da vida*, defende a valorização da diversidade cultural, pretende não ser apenas um currículo escolar e sim impregnar toda a sociedade.

Tem sentido como um projeto alternativo global onde a preocupação não está apenas na preservação da natureza (ecologia natural) ou no impacto das sociedades humanas sobre os ambientes naturais (ecologia social), mas num novo modelo de civilização sustentável do ponto de vista ecológico (ecologia integral), que implica, por sua vez, em uma mudança nas estruturas econômicas, sociais e culturais. Estas são reflexões com base no livro intitulado *Pedagogia da Terra*, de Moacir Gadotti (2009). Elas estão ligadas, portanto, a um projeto utópico: mudar as relações humanas, sociais e ambientais que temos hoje. “Trabalha ainda com ética, sustentabilidade, complexidade, cuidado, cidadania planetária, democracia” (LOPES, 2010).

Surgiu num contexto histórico onde há legislações, teorias, tratados internacionais que buscam amenizar a “crise” e direcionar novas práticas relacionadas ao meio ambiente. Quando falamos em “crise”, nos remetemos a ideia de algo ruim – *pessimismo da razão*. Mas, se a crise revela perigo, também pode nos trazer a ideia de possibilidade de mudança – *otimismo da prática*.

Mediante este tema preocupante, torna-se impossível olharmos pela janela, seja de nossas casas, do trabalho ou mesmo do carro, sem questionarmos a realidade. Ficamos no mínimo inquietos com perguntas, muitas vezes sem respostas. Algumas destas nos levaram à prática, isto é, a aproveitar a oportunidade de realização de intervenção em uma unidade escolar da rede municipal de ensino de Osasco para discutir, debater, dialogar sobre esta responsabilidade coletiva com relação às novas práticas sustentáveis. Decidimos, então, caminhar por este tema, a princípio prazeroso, que precisava ser trabalhado desde a compreensão de sua concepção até o trabalho de conscientização para que ocorresse alguma mudança de comportamento com relação à preservação do meio ambiente. Quando nos conscientizarmos que somos habitantes e utilizamos o mesmo espaço, precisaremos entender que a sobrevivência da humanidade está pautada numa ética integral de respeito a todos os seres com os quais compartilhamos o planeta.

A necessidade de realizarmos uma pesquisa para conclusão do curso de pós-graduação em Currículo e Prática Docente nos levou à elaboração de uma proposta de intervenção pedagógica junto aos integrantes do Conselho de Gestão Compartilhada (CGC), em uma unidade escolar situada na zona norte de Osasco. O tema escolhido foi *Meio Ambiente*, mais especificamente a construção de práticas sustentáveis dentro e fora do ambiente escolar.

Nas páginas que seguem compartilhamos nossa experiência: os encontros, diálogos, levantamento de dados e as concepções e práticas dos integrantes do CGC. Eles são moradores do entorno da escola e possuem uma conscientização de que a melhoria do espaço coletivo só será eficaz se todas as instâncias – sociedade civil, comunidade escolar e poder público – caminharem juntas, pensando, trocando sugestões e dividindo as responsabilidades, do contrário haverá pouca possibilidade de avanço.

AÇÃO-REFLEXÃO-AÇÃO EM TORNO DA ECO PEDAGOGIA

A elaboração da proposta de intervenção pedagógica nos levou a buscar os caminhos da ação, isto é, o que poderíamos fazer para reorientar nossa prática, tanto no nível pessoal, social e institucional como coletivo, pois a ecopedagogia está vinculada a cotidianidade. E a partir da vida cotidiana podemos descobrir e enfrentar a complexidade das questões mais amplas e gerais da humanidade.

Para tanto, foi utilizada uma proposta curricular que viesse a abranger e, em certa medida, superar os limites desta multifacetada proposta de ações pedagógicas: a metodologia dos círculos de cultura, que favoreceu a participação de todas as pessoas envolvidas. Após um diálogo inicial com o trio gestor da unidade educacional em questão, iniciou-se a intervenção com a aplicação de dois questionários que tinham por objetivo levantar os dados socioeconômicos e as impressões sobre as práticas de sustentabilidade, tanto no ambiente escolar, como fora dele. Outro objetivo importante era detectar problemas e necessidades da escola e da comunidade do entorno relativos ao tema proposto.

O primeiro contato com o grupo foi em uma reunião realizada com os integrantes do Conselho de Gestão Compartilhada (CGC) em 23 de agosto de 2012. Este grupo é composto por representantes de todos os segmentos escolares, pais, professores, gestores, alunos e funcionários, eleitos a cada dois anos e que auxiliam o gestor na organização da unidade escolar, com caráter deliberativo. O funcionamento do CGC é regido por uma lei municipal que norteia toda ação e eleições realizadas em todas as unidades escolares do município.

A proposta inicial foi apresentar o que é uma ação de intervenção sobre a realidade e explicar como a pesquisa seria desenvolvida, bem como afirmar que o objetivo dos questionários era diagnosticar as dificuldades e necessidades que a escola ou a comunidade apresentavam com relação ao tema *preservação do meio ambiente*. Depois o grupo levantaria ideias e sugestões sobre como encaminhar as próximas ações. Foram entrevistadas 18 pessoas do CGC divididas em 4 cate-

gorias, sendo 2 alunos, 9 professores, 4 funcionários e 3 pais de alunos. Neste primeiro contato as pessoas se mostraram curiosas, algumas apenas responderam aos questionários e outras se mostraram participativas, comentando as respostas das/com as outras do grupo. De modo geral, o tema interessou a todos, pois eram moradores do bairro e muitos levantaram questões e sugestões para tentar sanar as dificuldades locais. Além disso, por ser um grupo participativo nas ações da escola falavam muito e aproveitavam para discutir coisas da vizinhança e do poder público.

Os dados levantados e depois tabulados apontaram que:

1) No grupo de professores temos a totalidade do sexo feminino e todas são formadas em nível superior, na faixa etária entre 30 e 53 anos. A média salarial é de 4 salários mínimos;

2) Quanto aos conceitos de educação ambiental e meio ambiente, todas demonstram ter noção do tema, porém quanto às práticas de sustentabilidade podemos notar algumas diferenças: quatro pessoas não participam de debates ou discussões sobre o tema e três dizem que sim; a maioria diz ter práticas de sustentabilidade em casa, mas todas confirmam que no lugar onde vivem falta o respeito pelo meio ambiente e ações para que ocorra um equilíbrio. Das oito professoras, seis moram em locais onde já existe algum tipo de coleta seletiva, seja óleo de cozinha ou material reciclável. Uma não respondeu e a outra diz que o lixo é retirado pelo caminhão;

3) No grupo de funcionários, três são mulheres e um é do sexo masculino. Dois têm apenas o primeiro grau completo, um tem superior completo e outro estudou até quarta série do ensino fundamental I (EF1). A faixa etária varia entre 35 e 59 anos. Três responderam que a renda familiar é de um salário e um não respondeu;

4) Quanto aos conceitos de educação ambiental e meio ambiente, nem todos demonstram ter noção do tema. Quanto às práticas de sustentabilidade podemos notar algumas diferenças: duas pessoas responderam que realizam as práticas sugeridas, uma disse que não e a outra não respondeu. A maioria não faz coleta seletiva em suas residências;

5) No grupo dos alunos pudemos levantar apenas dados quanto às práticas de sustentabilidade, pois seus pais não estavam presentes na reunião. Os alunos são do quinto ano do EF1 e têm 10 anos, ambos são do sexo masculino. O que me surpreendeu foi o desprendimento deles com relação ao assunto, pois os dois participaram de palestras em outros locais e um deles deu uma entrevista sobre o tema numa gincana realizada em outra unidade escolar. Além disso, um deles faz coleta de material reciclável no bairro e revende para ferro velho. Os dois dizem que realizam práticas sustentáveis em sua casa, mas o lixo produzido em suas residências é levado pelo caminhão, sem a devida separação;

6) No grupo dos pais ou responsáveis, tivemos a presença de mulheres na faixa etária entre 35 e 49 anos, sendo que uma cursou o ensino médio completo, outra cursou até a oitava série do fundamental e outra só até a quarta série do ensino fundamental: uma mãe realiza tarefas domésticas e as outras duas são artesãs. Todas responderam que tentam fazer a coleta seletiva em suas casas, porém sentiram-se desmotivadas pelo fato do município não manter a coleta seletiva no bairro em que residem. Mostraram-se críticas quanto a postura dos moradores que poluem as calçadas próximas à escola com entulho, restos de construção, móveis usados e até lixo doméstico. Elas disseram que comunicaram o órgão responsável da prefeitura, porém assim que os mesmos retiram o lixo, em menos de uma semana, o entulho é colocado novamente.

Depois do questionário respondido, foi solicitado a eles que levantassem as necessidades da unidade escolar referentes ao tema do meio ambiente e reciclagem. Descobrimos que já existe uma coleta parcial dos resíduos produzidos. A partir desta informação levantamos as necessidades da unidade escolar, bem como do entorno, já que a maioria dos participantes da pesquisa são moradores do bairro. Constatamos que o maior problema era a destinação correta do lixo produzido pela vizinhança e então foram levantadas as seguintes sugestões: colocação de uma lixeira (latões de lixo) na entrada da favela que fica próxima à escola municipal de ensino fundamental (EMEF) para destinação do lixo comum que vinha sendo disposto inadequadamente; organização de encontros com a comunidade escolar e palestra para conscientização dos moradores sobre o assunto, além do direcionamento da destinação dos resíduos produzidos por eles. A orientação seria a colocação de folhetos explicativos sobre a correta organização dos resíduos em embalagens apropriadas para que os coletores pudessem transportar, já que o que ocorre muitas vezes é que as sacolinhas plásticas ficam jogadas no chão, amontoadas em canteiros, e são remexidas, abertas e o lixo fica a céu aberto. Outro problema grave encontrado no bairro é a destinação dos móveis usados e materiais de reforma, pois a maioria dos moradores deixa tudo jogado nas calçadas e mesmo depois de serem recolhidos surgem outros no lugar. Sugerimos a realização de teatro e gincana para alunos e professores para envolver toda comunidade escolar no referido tema.

Observamos preocupação generalizada e boa vontade em sugerir e solucionar um problema de tão grande escala, pois a conclusão a que chegaram é que falta à população maior conscientização sobre a correta destinação do lixo, o que acarreta muitas vezes enchentes no bairro.

A partir das sugestões do grupo do CGC foram realizadas algumas ações, tais como:

- **Reunião de HTPC com professores**, onde através de uma leitura coletiva e discussão o grupo chegou à conclusão que, se cada um fizer sua parte pela coleta seletiva, pela redução da produção de resíduos, a partir de sua residência, conseguirá mudar a realidade local com relação ao tratamento dos resíduos produzidos por eles. O grupo levantou outras problemáticas referentes ao tema. Ainda que a maioria deles não resida no entorno, são

moradores de bairros próximos e levantaram as diferenças da postura com relação a destinação do lixo. Sugeriram retomar, na unidade escolar, a coleta seletiva de óleo de cozinha que foi iniciada e não teve continuidade; pesquisar junto aos órgãos responsáveis quais bairros têm coleta seletiva; pesquisar sobre a coleta ecológica de lixo no bairro, como funciona, dias e horários, e quais materiais são retirados; procurar a Secretaria do Meio Ambiente para retomar a parceria com as unidades escolares no tocante ao recolhimento dos resíduos recicláveis produzidos pelas mesmas; confeccionar e distribuir cartazes informativos e de conscientização com o intuito de informar e conscientizar a população do bairro em relação ao tema; realizar reuniões com os pais e colocar tambores de lixo comum na entrada da favela; sugestão de realização de palestra sobre a conscientização da destinação do lixo e reaproveitamento dos recicláveis.

- **Reunião com grupo de mães do CGC e alguns alunos da classe da educação de jovens e adultos (EJA)**

A proposta do dia era conscientizar a todos sobre a importância do tema reciclagem, bem como situá-los como corresponsáveis pelo cuidado com o meio ambiente. Através da projeção do livro *Zoom*, os participantes notaram e se colocaram desta forma. Foi apresentada uma proposta de coleta seletiva que foi implantada no condomínio vizinho à escola e mostrado a todos que a mudança é possível, basta boa vontade e envolvimento com o coletivo pela causa do bem comum. Em seguida os participantes comentaram suas ações sobre a reutilização dos resíduos e descobrimos que um senhor, aluno da EJA, trabalha e sustenta sua família com este ofício. Outros alunos comentaram que gostariam de ajudar mais a organização do bairro, porém não sabiam quais ações realizar para isso.

Interessante foi que ao mesmo tempo em que conversávamos sobre a temática, foi realizado um trabalho no município com relação à reciclagem, proposto por uma empresa particular, que mobilizou a Secretaria do Meio Ambiente e da Educação. A ação chamava-se LIMPA OSASCO e a escola em que realizamos a intervenção foi selecionada para fazer parte do projeto como ponto de coleta. Além disso, houve a participação de representantes da comunidade escolar em uma reunião de organização desta ação, com o secretário do meio ambiente e com a representante da empresa que propôs a ação.

ECOPEDAGOGIA COMO REFERENCIAL DE PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS NA ESCOLA

Ao nos depararmos e questionarmos a realidade da degradação ambiental no planeta, ficamos no mínimo inquietos com perguntas muitas vezes sem respostas. Há legislações e teorias que abordam especificamente o tema, foram criados vários documentos e pactos na tentativa de amenizar a crise e direcionar novas práticas

aos seres humanos chamados racionais. Dentre eles temos A Carta da Terra, que traz em se preâmbulo um chamamento a todos os habitantes do planeta:

(...) Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura de paz. Para chegar a este propósito é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações. (CARTA DA TERRA, PRÊAMBULO)

Para isso, em um dos seus princípios, a Carta enfatiza que se faz necessário adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário. Propõe algumas ações preventivas como reduzir, reutilizar e reciclar materiais usados nos sistemas de produção e consumo e garantir que os resíduos possam ser assimilados pelos sistemas ecológicos, além de adotar estilos de vida que acentuem a qualidade de vida e o suficiente material num mundo finito.

De acordo com Lopes (2010), a maioria das concepções relativas ao desenvolvimento sustentável apresenta variações com relação à sugerida pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento que define que “o desenvolvimento sustentável é aquele que satisfaz as necessidades das gerações atuais, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer suas próprias necessidades”.

Porém, infelizmente, percebemos que em diversas partes do planeta o ser humano tem se utilizado dos recursos naturais finitos sem a menor preocupação em preservá-los. Fenômenos como efeito estufa, buraco na camada de ozônio, perda da biodiversidade, poluição da água, do solo e do ar, escassez de água potável e exclusão social, entre outros, demonstram a falta de conscientização sobre o padrão de vida sustentável proposto para a sobrevivência do nosso meio ambiente.

O ser humano, desde os mais remotos, sempre se relacionou com seu meio natural. Para alguns povos, essa relação foi, e continua sendo, de muito respeito; para outros – que se dizem mais progressistas e evoluídos – esse respeito foi substituído por um “aproveitamento” irracional dos recursos naturais. Essa dimensão de apropriação e saque dos recursos naturais deu origem à atual crise ambiental, cuja magnitude é de enormes proporções e de consequências imprevisíveis. (GUTIERREZ, 2008, p.32)

Por outro lado, existem movimentos de conscientização nos diferentes segmentos da sociedade, sobre a urgência de redirecionarmos as ações em torno da utilização e preservação de nosso planeta como um todo. Uma das propostas da ecopedagogia é que a ideia de preservação ambiental ultrapasse os muros da escola e que alcance toda a população.

Percebemos que esta premissa tem ocorrido de modo informal, através de pequenas ações e informações que são agregadas ao cotidiano. O projeto de intervenção aqui apresentado permitiu conhecer as opiniões e ações de pequena

parte da população, já que o público envolvido diretamente não eram os alunos (crianças e pré-adolescentes) da unidade escolar, mas sim os adultos, profissionais da educação, funcionários e familiares.

Notamos a preocupação e indignação sobre fatos locais já descritos, mas ainda um desconhecimento sobre a crise ambiental que ocorre em grande escala. Mas, apesar do desconhecimento, todos os envolvidos no projeto participaram sugerindo e até indicando soluções práticas de curto prazo. Além disso, o grupo participante realizou ações efetivas antes, durante e depois da realização de nossa intervenção.

A comunidade escolar estava mobilizada para o assunto, já que o tema do projeto anual da escola era a comemoração dos cinquenta anos de emancipação de Osasco, de sua preservação cultural, patrimonial e socioambiental. As ações giraram em torno de: organização e plantio de horta e árvores frutíferas; realização de uma caminhada de conscientização pelo bairro onde alunos e professores fizeram a distribuição de panfletos e cartazes sobre reciclagem e distribuíram sementes para a população do entorno da unidade escolar; palestra com pais e alunos da EJA sobre a reciclagem do lixo e consumo consciente; participação no evento OSACO LIMPA com saída a campo com um grupo de voluntários da comunidade escolar onde realizamos a intervenção, para coletar material reciclável no entorno da escola. Foram recolhidos vários tipos de materiais em 10 pontos espalhados pela cidade e todo resíduo foi destinado às cooperativas do município, tais como latinhas de alumínio, caixas de leite, gaiolas de ferro, 1 caixa com lâmpadas fluorescentes, sacolas plásticas, caixas de papelão e garrafas plásticas.

DO PESSIMISMO DA RAZÃO AO OTIMISMO DA PRÁTICA

De acordo com Gutiérrez e Cruz Prado (2008), educar seres humanos como membros de um imenso *cosmos* requer uma mudança de valores, relações e significações como parte de um todo global, além do desenvolvimento de atitudes básicas de interação solidária, subjetividade coletiva, formas de sensibilidade, afetividade e espiritualidade. Mas não devemos ter uma crença ingênua de que somente essas ações transformarão o panorama da crise ambiental iminente.

Um dos obstáculos para este avanço está na concentração de renda provocada pela globalização capitalista. Os interesses de poucos se sobrepondo aos direitos de muitos. A verdadeira cidadania planetária, que respeita todas as formas da vida e que implica num olhar aprofundado para os seres que coabitam nossa *casa*, acontecerá quando superarmos as desigualdades sociais, as diferenças econômicas, a integração da diversidade cultural e rumarmos para uma economia solidária.

A ecopedagogia surge, então, como resposta a este contexto, pois abrange, além da conscientização dentro dos ambientes escolares, da educação formal, atravessa as barreiras sociais e pretende superar as antigas e tradicionais formas de tratar os temas pertinentes à preservação da vida.

Já no ambiente escolar, onde acreditamos ser o local adequado para iniciar esta discussão a fim de alcançar um maior número de pessoas, a ecopedagogia encon-

tra lugar numa modalidade curricular que aposta na intertransdisciplinaridade como ponto de partida para o envolvimento de todos os sujeitos da comunidade escolar. O trabalho com projetos permite romper a barreira imposta pelo trabalho fragmentado das disciplinas e constrói a noção de pertencimento da comunidade escolar e do entorno, além de superar os desafios comuns da prática pedagógica.

No livro *Ecopedagogia e Cidadania Planetária*, Lopes cita Guimarães que afirma:

Em uma educação crítica de educação ambiental, acredita-se que a transformação da sociedade é causa e consequência (relação dialética) de transformação de cada indivíduo, havendo reciprocidade dos processos nos quais propicia a transformação de ambos. Nessa visão, educando e educador são agentes sociais; portanto, o ensino é teoria/prática, práxis. O ensino se abre para a comunidade com seus problemas sociais e ambientais, sendo esses conteúdos de trabalho pedagógico. Aqui a compreensão e atuação sobre as relações de poder que permeiam a sociedade são priorizadas, significando uma educação política. (GUIMARÃES, 2004).

A proposta de intervenção na unidade escolar deu-se nestes moldes, em que as questões levantadas pelo grupo participantes surgiram do cotidiano e foram trazidos à discussão no círculo de cultura onde coletivamente surgiram propostas, críticas e encaminhamentos.

Ao final da intervenção, os professores solicitaram nosso retorno para conversar sobre as sugestões levantadas durante os encontros e tentar firmar uma parceria entre as secretarias de educação e do meio ambiente para viabilizar a coleta seletiva em todas as unidades da rede municipal de ensino. Além da incorporação das ações no plano de trabalho anual da unidade escolar. Creemos que a proposta lançada foi apenas o início de uma ação maior que poderá incluir todas as unidades escolares. Percebemos que esta intervenção foi um ponto de partida para futuras propostas e ações de diferentes segmentos da comunidade. A partir da construção de projetos, o tema da educação ambiental poderá ser trabalhado de modo amplo, mais abrangente, tendo a ecopedagogia como conceito norteador de toda prática pedagógica. E quem sabe finalmente conseguiremos colocar em prática os princípios da Carta da Terra, com a participação de todos da comunidade escolar, do entorno e da comunidade.

THE CONSTRUCTION OF PEDAGOGICAL PRACTICES AT AN ELEMENTARY SCHOOL

SIMONE APARECIDA RODRIGUES SOARES

ABSTRACT

In this article, which is part of activities series in the course of specialization in Curriculum and Educational Practice, we presented the report of intervention project which happens in a school in a north zone of Osasco. There are some suggestions of possible sustainability practices in a elementary school 1, based on the principles of eco pedagogy. We report the actions and results of them as well as the difficulties and challenges that arose in the meetings of culture circles.

KEYWORDS

Ecopedagogy. Sustainability practices. Planetary citizenship.

REFERÊNCIAS

CARTA da Terra. Disponível em: <http://www.paulofreire.org//wp-content/uploads/2012/CCP_Mat_Ref/CartaDaTerra.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2013.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da Terra: ecopedagogia e educação sustentável. *In: Revista Lusófona de Educação*, 2005 , nº 6, p. 15-29.

_____. **Pedagogia da Práxis**. São Paulo: Cortez, 2005.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**. 4ª edição, São Paulo: Editora Cortez, 2008.

HALAL, Christine Yates. Ecopedagogia: uma nova Educação. *In: Revista da Educação*, Vol. XII, Nº 14, Ano 2009, p. 87-103.

LOPES, Claudemira Vieira Gusmão. **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**. 1ª edição. Curitiba: Editora Fael, 2010.